

## Clareza e Rigor na poesia de Eugénio de Andrade

**MAIS** de cinquenta anos passados sobre a revelação em livro, a **poética** de Eugénio de Andrade, na clara solaridade vocabular que em todos os seus poemas se patenteia com exuberância, tem reincidido nos últimos livros na mesma sinceridade e brevidade expressivas que fazem de toda a sua obra essa **morada** onde pairam sempre as sombras, passos e lugares que foram da infância e adolescência, de peregrinação e de vagabundagem por muitas outras paragens. Por isso, retomar o diálogo com o Poeta de *Mar de Setembro*, mesmo na insistência de uma concisão vocabular que o fazem mergulhar por vezes em certas imagens quase comuns ou de menor forma expressiva, de algum modo estabelecer o convívio com uma das vozes mais coerentes da poesia desta segunda metade do século XX português.

Na verdade, cada novo livro de Eugénio de Andrade, sendo ainda e sempre um mesmo e outro livro, prolonga ou retoma esse **discurso** cristalino e sincero, breve e incisivo, de saber guiar o leitor pelos lugares obscuros, '*branco no branco*' (mesmo na aparente contradição expressiva e poética), que traz consigo essa tradição lírica portuguesa de Bernardim, Camões ou até dos primeiros trovadores medievais. Mas esse discurso, sendo idêntico e sempre diferente, ainda o mesmo tom e modo de o Poeta saber falar da vida e do mundo, dos pessoas e das coisas, dos olhares e dos sentimentos, nesse **dizer por dizer** ao rés das águas límpidas ou dos rios e lugares de diversa peregrinação, na persistente e decantada clareza poética:

*Toda a ciência está aqui,  
na maneira como esta mulher  
dos arredores de Cantão  
os dos campos de Alpedrinha  
rega quatro ou cinco leiras de couves.*

E, por essa repetida 'arte poética', Eugénio de Andrade, na brevidade e sinceridade do verbo, na emotiva e sempre renovada forma de abordar ou olhar o mundo, reencontra ou redescobre, mesmo num lóvão perto da casa onde morara, num Porto que desde há muitos anos lhe pertence por direito de íntima coabitação, esse **sentido solar** da sua própria efemeridade, no fazer *rente ao dizer* e na carga simbólica e sentida das palavras com que todo esse seu 'verbo' poético se tece e enaltece:

*Também a poesia é filha da necessidade  
- esta que me chega um pouco já fora do tempo,  
deixou de ser a sumarenta alegria  
do sol sobre a boca.*

Por isso, na avalanche metafórica e expressiva de um propositado e claro rigor de expressão, uma poesia que arrebatava e comove, destituída de sombras ou inibições, liberta de ironias ou de sarcasmos, mas, como declara Jorge de Sena, todavia '*uma poesia aberta com generosidade a todos os anseios de libertação, sempre concebida num bom gosto que defendeu o poeta dos exageros do neo-realismo, do surrealismo ou do barroquismo hispânico*', alcançando, no termo dessa sua pessoal experiência e aventura poética cumprida em largos anos, uma plenitude que faz a poesia de Eugénio de Andrade ser hoje verdadeiramente das mais lidas e admiradas por amplas camadas de leitores.

Talvez porque no rigor prosseguido no fio calmo dos anos, o que o Poeta de *As Mãos e os Frutos* deseja acima de tudo é que, pela simplicidade formal e pela transfiguração da sua expressão e clareza, essa solidariedade se confirme, de livro a livro, na cadência dos próprios versos, nessa inocência quase pagã sem deuses nem excessos, no cantante enaltecer do corpo, da terra e da vida, ou como já observara Eduardo Lourenço poder ainda dizer-se que '*nenhum poeta como Eugénio de Andrade escreveu poesia de tal modo convincente com as figuras que lha sugerem e o obrigam a cantá-las, como se tudo estivesse certo no universo e só nós, no fundo, estivéssemos a mais*'.

E assim, na intencional insistência dessa música vital que perpassa em cada poema de Eugénio de Andrade, saber-se que o rumor do mundo se constrói ainda e sempre de palavras, que nessa **poética** carregam todo o peso da memória, pelas sombras e lugares de um inalterável peregrinar, em trajecto que é único e singularíssimo na poesia portuguesa do nosso tempo, e ter sabido desde longe andar em boas companhias: Homero, Platão, Whitman ou Blake, Lorca, Machado, Montale ou Pessoa. E uma vez mais proclamar num dos poemas emblemáticos de *Rente ao Dizer*:

*materna casa da alegria  
e da mágoa;*

*dança do sol e do sal;  
língua em que escrevo;  
ou antes: falo.*

**Serafim Ferreira**

OBRAS DE EUGÉNIO DE ANDRADE

Fundação Eugénio de Andrade / Porto.